Um olhar para MÚSICA, STREAMING e CLASSE: Uma análise sociológica

Apesar da aparente liberdade de se poder gostar de tudo na era do streaming, as dinâmicas de classe social continuam a moldar o acesso e os gostos culturais. As elites, com maior capital cultural e económico, beneficiam de um privilégio estrutural que lhes permite explorar uma vasta gama de expressões culturais, enquanto as classes com menos recursos enfrentam barreiras que limitam as suas escolhas. Este ensaio explora como as desigualdades sociais influenciam o consumo musical, com base nas teorias de Pierre Bourdieu, Karl Marx e Max Weber, e analisa o papel da música como forma de expressão e resistência, bem como a perpetuação das estruturas de poder na sociedade contemporânea.

O privilégio cultural das elites

As elites, frequentemente expostas desde cedo a formas de cultura erudita, como a música clássica de Beethoven, possuem um habitus — conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu — que as predispõe a navegar com facilidade entre diferentes esferas culturais. Este habitus é construído através de práticas culturais transmitidas no seio familiar e reforçado pelo acesso a recursos como educação, tempo e capital económico. Assim, as elites não só têm liberdade para apreciar qualquer género musical, como também possuem os meios para aceder a espaços culturais exclusivos, como museus, teatros ou concertos de música clássica.

Por outro lado, indivíduos de classes mais baixas, como operários ou pessoas de contextos socioeconomicamente desfavorecidos, enfrentam barreiras estruturais. Apesar de a democratização proporcionada pelo streaming e pela internet oferecer uma aparente igualdade de acesso à cultura, a ausência de um habitus cultural específico dificulta a sua participação em espaços tradicionalmente associados às elites. Para estas pessoas, géneros musicais mais acessíveis, como os amplamente difundidos pela rádio ou plataformas digitais, tornam-se a escolha predominante, não por uma questão de gosto exclusivo, mas por uma questão de proximidade e familiaridade.

A música como expressão de resistência

Outro fenómeno relevante é a tendência das classes mais vulneráveis para se identificarem com géneros musicais que expressam emoções intensas, como agressividade ou sexualidade explícita. Esta tendência remonta a movimentos históricos, como o punk nos anos 1970, o heavy metal e o thrash metal nos anos 1980, que surgiram como formas de expressão de descontentamento social e de resistência contra

desigualdades. Como Karl Marx defendia, o indivíduo deve agir e não apenas submeter-se às estruturas opressivas. A música, nesses contextos, tornou-se um veículo para canalizar frustrações e afirmar identidades marginalizadas.

Nos anos 1980, com figuras como Madonna, a música pop começou a incorporar uma expressão sexual simbólica, rompendo com convenções sociais. Mais recentemente, o rap e outros géneros urbanos intensificaram essa expressão, muitas vezes com letras sexualmente explícitas ou que abordam temas de poder e violência. Estes géneros atraem frequentemente as camadas mais vulneráveis da sociedade, que encontram neles uma forma de articular as suas experiências de exclusão e desigualdade. Contudo, é importante notar que, enquanto as classes populares adotam estes géneros como formas de resistência, as elites também participam no seu consumo, mas de forma distinta: frequentam concertos, dançam e celebram, mas regressam ao seu status quo, preservando o seu capital social e económico.

A perpetuação das desigualdades culturais

A análise de Pierre Bourdieu sobre o capital cultural é particularmente relevante para compreender estas dinâmicas. As elites, ao participarem em géneros musicais populares, não abdicam do seu poder ou posição social. Pelo contrário, a sua capacidade de se apropriarem de diferentes formas culturais reforça a sua distinção social. Enquanto as classes mais baixas podem usar a música como uma forma de expressão ou protesto, as elites utilizam-na como uma ferramenta de consumo cultural, mantendo a sua hegemonia. Esta apropriação cultural permite-lhes manter uma posição de superioridade, mesmo quando partilham os mesmos espaços ou gostos musicais.

Por outro lado, as camadas mais vulneráveis, muitas vezes com menor instrução formal, tendem a seguir tendências musicais que, embora expressivas, podem ser vistas como menos "legítimas" no contexto cultural dominante. Esta perceção é reforçada pela lógica do mercado cultural, onde os géneros associados às elites, como a música clássica ou o jazz, continuam a ser valorizados como símbolos de sofisticação, enquanto géneros populares são frequentemente estigmatizados.

A necessidade de uma perspetiva humanista: Max Weber e além

Jordan Peterson, ao abordar questões de comportamento individual e responsabilidade, oferece uma leitura válida, mas limitada, das dinâmicas culturais. Pierre Bourdieu, com a sua análise das estruturas de poder e do capital cultural, proporciona uma compreensão mais profunda das desigualdades que moldam o consumo musical. Contudo, é a sociologia

de Max Weber que pode oferecer uma ponte para uma abordagem mais humanista. Weber, ao enfatizar a importância da ética e da racionalidade na organização social, sugere que a sociedade deve reconhecer a vulnerabilidade humana e criar estruturas que promovam a inclusão e o apoio mútuo.

Numa era em que o streaming amplifica o acesso à música, mas não elimina as barreiras de classe, é essencial revisitar conceitos como os de Weber para repensar a sociedade. A música, enquanto expressão universal, pode ser um ponto de partida para unir diferentes estratos sociais, mas isso exige políticas culturais que democratizem verdadeiramente o acesso à educação e aos espaços culturais. Sem essa intervenção, as desigualdades continuarão a perpetuar-se, com as elites a manterem o seu privilégio e as classes mais vulneráveis a expressarem as suas frustrações através de géneros musicais que, embora poderosos, são frequentemente marginalizados.

Conclusão

A música, na era do streaming, reflete tanto a liberdade de escolha como as persistentes desigualdades sociais. Enquanto as elites beneficiam de um acesso privilegiado a uma vasta gama de expressões culturais, as classes mais vulneráveis encontram na música popular uma forma de resistência e expressão. Contudo, a apropriação cultural pelas elites e a estigmatização de certos géneros reforçam as divisões de classe. As teorias de Bourdieu, Marx e Weber oferecem ferramentas para compreender estas dinâmicas, mas é necessária uma abordagem mais humanista para promover uma sociedade verdadeiramente inclusiva. A música, com o seu potencial unificador, pode ser um catalisador para essa mudança, desde que acompanhada por esforços estruturais para reduzir as desigualdades de acesso e oportunidade.